

Wedal e Hoffman acreditaram nas doenças demoníacas. O P. Gassner, de Bludenz, no Tirol, atacado por dores de cabeça, supô-la obra do demónio e deu-se a ler todos os livros de exorcismos; depois exerceu a arte que aprendera, curando em nome de Jesus os possessos (1).

Franc.: *Avoir le diable au corps.*

CXX

Ter pacto [ou partes] com o diabo

*Ser levado da breca, ser muito endiabrado; fazer coisas maravilhosas, extraordinárias; conseguir coisas que parecem impossíveis de realizar ou de obter: «As feiticeiras defumam sempre as casas, fingindo louvar o Santíssimo Sacramento, quando por fim de contas, dizia a velha com entono, o que elas teem é pacto com o diabo, a quem rezam como a gente reza a Deus Nosso Senhor.» (Maximiliano de Azevedo, *Histórias das Ilhas*).*

Segundo as crenças supersticiosas da idade-média, aquele que fazia pacto com o diabo, entregava-lhe a alma em troca de benefícios terrenos.

Nos pactos com o diabo lavrava-se um documento, que se assinava com sangue do braço — ou, segundo Teófilo Braga (2), com sangue do dedo mínimo, que é o que, na credulidade infantil, adivinha. (Cf., neste artigo, o adágio — *Tenho um dedo que adivinha*).

No *Fausto*, de Goethe, e no *Mágico prodigioso*, de Calderon de la Barca, há pactos com o diabo. Teófilo Braga, nas *Lendas cristãs*, p. 363, fala do relato de Guibert de Nogent (*De vita sua*, liv. I, cap. XXVI) acerca do pacto de um monge com o diabo. O inquisidor Cumanos diz que se podem fazer dois pactos com o diabo — um solene, e outro particular.

Vendendo a alma ao diabo, cada um pedia a realização do sonho da sua vida. Alberto Magno queria interpretar os

(1) César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de M. Bernardes Branco, Lisboa, 1878, IX, p. 406.

(2) *Povo Português*, II, 94.

segredos da natureza; o padre Trytheim, no século XIV, a chave dos mistérios humanos; Cornélio Agripa quer atingir os fins dos problemas da alquimia; Falstaff vende a alma, numa sexta-feira de Paixão, por uma coxa de capão e uma garrafa de vinho, diz Louandre; Luis Gauffredi vende-se para que as mulheres, só com o assoprar-lhes, fiquem perdidas de amor por êle. Em 1778, um lacaio vende-se, só para poder jogar; o inglês Ricardo Dugdale vende-se por uma lição de dança, pois queria ser o melhor dançarino, de Lancaster ⁽¹⁾.

Nas lendas portuguesas há, pelo menos, um destes pactos — o de S. Frei Gil, que cede à promessa de ser senhor da *arte magica*, a primeira de tôdas as sciências, que não só alcançava o presente, mas antevia o futuro ⁽²⁾.

A essa lenda alude Garrett, no seu poema *D. Branca*, canto VI, p. 165:

... Frei Gil. Do diabo a quem vendera
a alma pelo poder da bruxaria,
o escrito cobrou que lhe fizera
de obrigação, lavrado com seu sangue.

Diz-se que Simão Mago fêz pacto com o diabo.

Até na classe sacerdotal se encontram destes pactos, como succedeu com o papa Sixto V, por exemplo, do qual diz Thou, na sua *História*, que pactuara com o diabo entregar-lhe a alma se fôsse eleito papa, e o seu pontificado durasse seis anos, findos os quais o diabo viera exigir o cumprimento do contracto ⁽³⁾.

Na sentença que condenou Luis de la Peña por feitiçaria (1626), descreve-se assim o seu pacto com o diabo: «Eu sou o espirito que te appareceu, e te digo que se quiseres adivinhar tudo o que te preguntarem, hás de deitar três pedras, em meu nome, em um poço, e quando elas saírem dêle, e as tornares a ver na tua mão, então não adivinharás.» ⁽⁴⁾

A pedra que se emprega no pacto com o diabo, da feiti-

(1) V. José de Sousa, *O misticismo*, Lisboa, 1895, p. 101.

(2) Pode ler-se a lenda nos *Monumentos e lendas de Santarém*, de Zeferino Brandão.

(3) Teófilo Braga, *Lendas cristãs*, p. 363, 385.

(4) A pud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 60.

çaria do século XVI, ainda se conserva nos costumes da Ilha de S. Tiago, de Cabo Verde, onde se dá o nome de *fetal* a uma pedrinha mágica, do tamanho de um grão de mostardeira, que as pessoas que fazem pacto recebem no sítio chamado *Água-de-Má-Morta*. A pedrinha é metida debaixo da pele, e aquele que a trás em si — o *fetalista* — fica para sempre livre de desgraças, embora não chegue a ser rico ⁽¹⁾.

Alexandre Herculano, no artigo *Superstições populares*, publicado no *Panorama*, IV (1840), p. 162, descreve assim a solenidade da instituição de qualquer feiticeira ou bruxa: «A adepta é levada alta noite pelas feiticeiras professoras a um lugar ermo, onde o diabo aparece transformado em bode negro. Começa a cerimónia, como é razão pela matrícula, e a noviça escreve o termo de venda da sua alma com o próprio sangue; então o diabo lhe entrega um novelo e um pandeirinho, que são os símbolos da nova dignidade que recebe, e pelo que fica hábil para fazer os seus malefícios, e para se transformar no que quizer, quer sejam corpos animados, quer inanimados. Depois disto o demónio, *bodificado*, se assenta no seu trono cercado de candeilinhas, e por baixo dêste trono passa a noviça três vezes; acabado o que, a nova feiticeira dá um beijo na proximidade da cauda ao transformado rei do inferno.»

No seu livro *As superstições e o crime*, p. 59 ⁽²⁾, diz o Visconde de Carnaxide: «Dos processos arquivados da Inquisição e das listas dos autos de fé, que suprem em parte muitos dos processos perdidos, se vê, que, em geral, as variedades da feitiçaria e encantamentos eram pela hermenêutica do Santo Ofício subordinados à classificação de pactos com o diabo. Por estes se explicava tudo: desde as acusações com provas, em que se baseavam as sentenças condenatórias, de uma mulher ir a uma ilha encoberta falar com D. Sebastião, até às de várias outras terem cópula com o seu contratante, o próprio diabo, havendo êste tomado várias formas, de bode, de frade, de estudante, etc. O número das feiticeiras (sendo em toda parte o contingente das mulheres na feitiçaria muitíssimas vezes maior do que o dos homens) relaxadas

(1) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 65.

(2) Ed. da Academia das Ciências de Lisboa, Coimbra, 1916.

em Portugal à justiça secular e condenadas à fogueira, não foi muito considerável. Eram, geralmente, pessoas humildes, benzedeadas, e que a tortura obrigara à confissão de relações e pactos demoníacos.

Da crença dos pactos com o diabo e do poder, que daí vinha aos contratantes, é frisanter exemplo o de em 1724 um rapaz prêso em Cascais fazer um escrito ao diabo, sendo a tinta sangue seu, propondo-lhe entregar-se-lhe em troca de o livrar da prisão.»

Em nota cita o Visconde de Carnaxide as fontes de que recolheu estas informações.

Em Inglaterra, pelo Estatuto 33.º de Henrique VIII, c. 8, e depois ainda pelo Estatuto 1.º de Jacob I, c. 12, foi decretada a pena de morte contra aqueles que invocassem, consultassem, empregassem, sustentassem ou recompensassem os demónios, fazendo pactos com êles ⁽¹⁾.

CXXI

Ter sete fôlegos

- Var.: a) **Ter sete fôlegos como os gatos;**
b) **Ter fôlego de gato**

Diz-se de uma pessoa dotada de força ou energia bastante para resistir a grandes incómodos ou trabalhos físicos ou morais: «É preciso que êle tenha sete fôlegos, como o gato, para resistir a uma coisa assim!» (Augusto Sarmiento, Contos ao Soalheiro).

O povo diz *sete foles*.

Efectivamente os gatos teem mais resistência, mais vida, do que muitos outros animais. Muitas vezes, engalfinhando-se lá no alto dos telhados de um terceiro ou quarto andar, êles aí veem pelos ares, de encontro ao solo, deitando cada um a correr para o seu lado.

(1) Blackston, *Comentário aos Cód. crim. de Inglaterra*, tómo I, c. 4, p. 56, cit. por Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, p. 267 (Lisboa, 1816).